

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

Equipa Responsável Internacional

O PADRE CONSELHEIRO  
E O ACOMPANHAMENTO  
ESPIRITUAL NAS  
EQUIPAS DE NOSSA SENHORA



Março de 2017

DOCUMENT OFFICIEL END

---

# ÍNDICE

|                                                                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Apresentação                                                                                                  | 4  |
| Preâmbulo                                                                                                     | 6  |
| 1. O acompanhamento por padres:<br>uma característica fundamental das Equipas de Nossa Senhora                | 9  |
| 1.1. Os textos                                                                                                | 10 |
| 1.2. Ordem e Matrimónio: sacramentos ao serviço da comunidade                                                 | 12 |
| 2. O padre numa Equipa de Nossa Senhora:<br>sinal e presença de Cristo                                        | 13 |
| 2.1. A visão do Padre Caffarel: mediação e complementaridade                                                  | 14 |
| 2.2. Missão do padre numa Equipa de Nossa Senhora                                                             | 15 |
| 3. A “arte do acompanhamento” espiritual nas ENS                                                              | 27 |
| 4. A falta de padres, um novo apelo do Espírito à Igreja<br>e às Equipas de Nossa Senhora?                    | 31 |
| 4.1. A visão e a orientação do Padre Caffarel                                                                 | 31 |
| 4.2. Procurar sempre a participação plena de um padre<br>Conselheiro na vida de cada equipa                   | 34 |
| 4.3. Integrar na equipa um Acompanhante Espiritual,<br>garantindo sempre a vinculação<br>da equipa a um padre | 39 |
| 4.4. Participação parcial de um padre na vida da equipa                                                       | 43 |
| 5. Conselheiros e Acompanhantes espirituais: questões de organização                                          | 45 |
| 5.1. Convite e permanência na equipa                                                                          | 45 |
| 5.2. Vida de equipa de base                                                                                   | 47 |
| 5.3. Equipas de responsabilidade e de serviço                                                                 | 49 |
| 5.4. Formação                                                                                                 | 51 |
| Conclusão                                                                                                     | 56 |
| Bibliografia                                                                                                  | 58 |

## Apresentação

Este documento é o resultado da reflexão da Equipa Responsável Internacional (ERI) e do Colégio Internacional realizada entre 2015 e 2017. Culmina, mas não fecha, uma longa etapa de maturação sobre o tema do acompanhamento espiritual nas Equipas de Nossa Senhora, que teve o seu início em 1990-1993, com a publicação de um documento oficial intitulado *O Padre Conselheiro*, que, além de uma reflexão sobre a presença do padre na equipa, já continha umas primeiras orientações sobre «*que fazer perante a falta de padres?*». Em 2006, a ERI aprovou um novo documento oficial intitulado *O Padre Conselheiro Espiritual*, que avançou na reflexão sobre o papel do padre na equipa e especificou as condições que os «Acompanhantes espirituais não padres» deverão satisfazer.

Desde então, algumas Supra-Regiões do mundo têm acumulado uma rica experiência no que respeita à prática do Acompanhamento espiritual no seio das Equipas e têm insistentemente dirigido muitas perguntas à ERI e, no fundo, solicitado a actualização da reflexão e das orientações em vigor até agora. Os momentos que têm marcado este processo são os seguintes: um relatório da SR Brasil entregue no Colégio de Bordéus (Julho de 2013), uma comunicação da ERI ao Colégio de Roma (Setembro de 2015), a apresentação do esboço de um novo documento oficial ao Colégio de Swanwick (Julho de 2016), abrindo-se então um período de consulta ao Colégio Internacional, e, finalmente, a aprovação definitiva pela ERI na sua reunião em Munique em Março de 2017.

Assim, com este documento, ao mesmo tempo que somos convidados a prosseguir a nossa reflexão, **a ERI actualiza e define a posição oficial do Movimento sobre “O Padre Conselheiro e o Acompanhamento espiritual nas ENS”:**

- Aprofunda o conhecimento do ministério sacerdotal e estabelece a necessidade da referência pessoal a um padre para cada equipa.
- Sublinha a riqueza do intercâmbio e do apoio mútuo entre casais e padres.
- Expressa a importância do Acompanhamento espiritual para todas as equipas.
- Dá orientações quanto às características deste Acompanhamento espiritual por Padres e outros Acompanhantes, bem como à forma de o garantir.
- Actualiza as condições para o serviço dos Acompanhantes espirituais não padres.
- Propõe acções de organização pertinentes e a formação que se deve garantir para Padres Conselheiros e outros Acompanhantes espirituais, tendo em vista a fidelidade ao nosso carisma e a qualidade do apoio dado aos casais no seu caminho de santidade.

Não podemos terminar esta introdução sem manifestar o profundo agradecimento do Movimento aos Padres Conselheiros e aos Acompanhantes Espirituais que conosco, casais, constituem as equipas: comunidades activas, reflexo do amor de Deus.

Paris, 31 de Março de 2017

**Tó e José MOURA-SOARES**  
*Equipa Responsável Internacional*

## Preâmbulo

«Em primeiro lugar, encorajo todos os casais a pôr em prática e a viver em profundidade, com constância e perseverança, a espiritualidade que as Equipas de Nossa Senhora seguem. Penso nos “pontos concretos de esforço” [...] penso ainda na participação fiel na vida da equipa, que traz a cada um a riqueza da aprendizagem e da partilha, bem como o auxílio e o reconforto da amizade. Sublinho também a fecundidade recíproca desse encontro vivido com o sacerdote assistente. Agradeço-vos, caros casais das Equipas de Nossa Senhora, por serem um apoio e um encorajamento no ministério dos vossos sacerdotes, que encontram sempre, no contacto com as vossas equipas e as vossas famílias, alegria sacerdotal, presença fraterna, equilíbrio afectivo e paternidade espiritual.»

Papa FRANCISCO<sup>1</sup>, 2015

O lugar e a função do padre conselheiro espiritual no seio da equipa foram objecto de inúmeros textos muito interessantes, que se podem encontrar nos arquivos das Equipas de Nossa Senhora<sup>2</sup>.

Em todos os momentos e lugares da história do nosso Movimento, os seus responsáveis têm afirmado que **o apoio de um padre em cada Equipa de Nossa Senhora é uma característica fundamental do Movimento que faz parte do «dinamismo do começo»**<sup>3</sup>. Esta convicção fundamenta-se não só na fidelidade à Carta de 1947 mas, e sobretudo, na vivência do significado e da importância da missão do padre na comunidade cristã que é a equipa.

1. Discurso às Equipas de Nossa Senhora, Sala Clementina, Vaticano, 10 de Setembro de 2015.

2. Ver capítulo «Bibliografia».

3. Cf. Henri Caffarel, Conferência aos responsáveis do Movimento: «O carisma fundador das Equipas de Nossa Senhora». Chantilly, 1987.

Paralelamente a esta profunda convicção, **a falta de padres era uma possibilidade já vislumbrada a partir das primeiras etapas do Movimento**. Hoje em dia, em algumas partes do mundo, esta situação já é fortemente sentida, e verifica-se cada vez mais.

Segundo as estatísticas de 2017, existem no mundo 12 909 equipas e 9 014 padres: dois conselheiros para 3 equipas, embora em algumas zonas esta proporção baixe para 1 conselheiro para cada 2 equipas. O número de Acompanhantes espirituais não padres está a aumentar (808, ou seja, 8,2% do total), e é particularmente significativo na América e na Eurásia.

Perante esta realidade, o Movimento não tem deixado de fazer continuamente um discernimento para responder **o melhor possível às necessidades dos casais e à missão evangelizadora do Movimento, na fidelidade ao seu carisma**.

Este discernimento levou, em 2006, ao documento da ERI *O Padre Conselheiro Espiritual*, que oferece uma reflexão sobre a presença do padre numa equipa, bem como orientações práticas para fazer face à sua falta, destacando entre estas («em jeito de ensaio») a figura do Acompanhante Espiritual não padre. Desde então, algumas Supra-Regiões acumulam já experiências em número suficiente para aprofundar ainda mais a reflexão e actualizar essas orientações. É este o objectivo do presente documento.

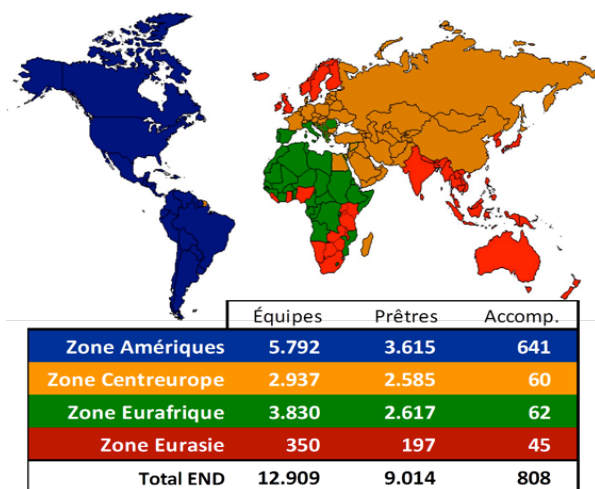
No Não podemos esquecer o momento que a Igreja está a viver, no contexto dos últimos sínodos e das **exortações do papa Francisco** (*Evangelii Gaudium* e *Amoris Laetitia*).

As características do mundo de hoje, as necessidades dos casais e das famílias, reforçam a ideia de que **o acompanhamento espiritual é um bem necessário para cada equipa, nova ou antiga**, que deseje caminhar com Cristo para o Pai. «Neste mundo, os ministros ordenados e os outros agentes de pastoral podem tornar presente a fragrância da presença solidária de Jesus e o seu olhar pessoal», suscitando a confiança, a abertura e a vontade de crescer. O acompanhamento espiritual deve conduzir cada vez mais a Deus<sup>4</sup>.

4. Cf. Papa Francisco: Exort. ap. EVANGELII GAUDIUM (169-173) e Exort. ap. AMORIS LAETITIA (204)

Depois do Encontro Internacional dos Responsáveis Regionais (Roma 2015), o Movimento tem uma convicção unânime: as ENS são mais necessárias do que nunca para os casais e para as famílias nos cinco continentes e, **por isso, a diminuição do número de padres não deve impedir a criação de novas equipas seja onde for.**

O **apelo explícito do Papa à missão no seu discurso às ENS** (Roma 2015) exige que ponhamos em acção as riquezas do nosso carisma, de entre as quais uma das maiores é a comunhão dos padres, dos acompanhantes espirituais e dos casais ao serviço do Reino de Deus. «O acompanhamento espiritual autêntico começa sempre e prossegue no âmbito do serviço à missão evangelizadora. [...] Isto é claramente distinto de todo o tipo de acompanhamento intimista, de auto-realização isolada. Os discípulos missionários acompanham discípulos missionários»<sup>5</sup>.



5. Papa Francisco: Exort. ap. EVANGELII GAUDIUM (2013), 173.

## O acompanhamento por padres: uma característica fundamental das Equipas de Nossa Senhora

«Um dia, durante a oração, uma das mulheres dirigiu-se a Deus nestes termos: “Senhor, nós te agradecemos pelo casamento dos nossos dois sacramentos: o sacerdócio e o matrimónio”. Penso que essa reflexão tinha grande alcance, e que faz parte desse dinamismo do começo: a aliança do sacerdócio, que representa a Igreja, o pensamento da Igreja, com os casais que trazem as suas riquezas, as suas necessidades, os seus problemas, e a necessidade de diálogo, para que o ensinamento da Igreja não fique desligado das realidades concretas, mas se esforce por corresponder não só às necessidades mas também às aspirações dos casais. Durante toda a vida das ENS fizemos muita questão da união dos dois sacramentos».

Padre Henri CAFFAREL<sup>6</sup>, 1987

6. Conferência aos Responsáveis do Movimento: «O carisma fundador das Equipas de Nossa Senhora». Chantilly, 1987.

Desde as primeiras reuniões, em 1939, a referência ao padre é uma característica fundamental das Equipas.

Ao longo da sua história, a linha seguida pelos documentos fundamentais do Movimento tem sido clara e coerente: **o que se pretende desde o princípio é que o conselheiro espiritual seja um padre, em razão seu sacerdócio ministerial.**

No seio da **«pequena Igreja»** que é a equipa, encontra-se a riqueza espiritual que deriva de duas formas de sacerdócio: o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum dos fiéis. Acrescentamos que frequentemente o padre vive com alegria e felicidade o caminho com os casais **«como companheiro de viagem»**. Acolhido como em família, as equipas são para ele fonte de consolo, de inspiração e de força.

### 1.1. Os textos

- **La A Carta** (1947), no capítulo «Estrutura das Equipas», diz:

*«Cada equipa deve procurar o apoio de um padre. Nenhum plano de trabalho pode substituir o contributo doutrinal e espiritual por ele trazido. O padre não dá apenas os princípios, mas ajuda ainda os casais a procurar introduzi-los na sua vida. Esta colaboração é fecunda. Padres e casais aprendem a conhecer-se, a estimar-se e a colaborar; as grandes intenções apostólicas do padre são adoptadas pelos casais; o padre leva para a Missa esses casais, dos quais ele conhece os esforços, as lutas e os anseios».*

- O complemento à Carta **Que é uma Equipa de Nossa Senhora** (1976) acrescentou, no capítulo «Uma comunidade cristã»:

*«O Padre, que “torna Cristo presente como Cabeça da comunidade” (Sínodo dos Bispos – 1971), vai ajudá-la a não perder de vista a sua verdadeira finalidade».*

- O documento da ERI **O Padre Conselheiro** (1993) refere:

*«O Movimento sempre pediu aos padres para serem conselheiros espirituais das equipas. Esta é a sua tradição bem estabelecida. Esta é a sua firme vontade».*

Este mesmo documento fixa o nome de «Conselheiro», que desde sempre vinha a ser utilizado nas equipas.

*«Esta denominação pode causar problemas. Ela não abrange o que há de mais fundamental no papel do padre na equipa (a sua presença sacerdotal). Mas foi escolhida de preferência à de “assistente” para indicar a livre escolha da equipa e não a nomeação por uma autoridade eclesiástica. Esta expressão tornou-se prática corrente e, à falta de melhor, podemos conservá-la».*

- **O Guia das ENS** (2001) verificou a dificuldade das equipas em encontrar padres Conselheiros (capítulo VII, B-b):

*«Cada equipa deve contar com a colaboração de um sacerdote. [...] Se uma equipa não puder contar com a participação de um sacerdote conselheiro espiritual, cabe aos responsáveis do Sector, fiéis às linhas mestras do Movimento, fazer com que ela tenha um “acompanhante espiritual temporário”».*

A partir desta verificação, o Movimento evitou toda a ambiguidade nas designações, visto que o termo «conselheiro» poderia ser utilizado para outras pessoas que exerçam a função de aconselhar. **Foi decidido reservar a designação de «Conselheiro» para os padres** e a de «Acompanhante» para as pessoas que, não sendo padres, desempenham a função do acompanhamento espiritual nas equipas.

- **Os Estatutos Canónicos das Equipas de Nossa Senhora** (2002), revistos em 2014, nos seus artigos 5 e 7, referem-se aos padres conselheiros espirituais:

*«Composta por cinco a sete casais, a equipa [...] é assistida por um padre “Conselheiro espiritual”, que torna manifesto o vínculo com o sacerdócio e a comunhão com a Igreja».*

«Os padres levam às equipas a insubstituível graça do seu sacerdócio; não assumem qualquer responsabilidade de governação; essa é a razão pela qual são denominados “conselheiros espirituais”. O padre conselheiro espiritual de equipa é escolhido pelos membros da equipa entre os padres que legitimamente exercem o ministério sacerdotal e de acordo com o Cànone 324 § 2».

## 1.2. Ordem e Matrimónio: sacramentos ao serviço da comunidade

O Catecismo da Igreja Católica associa estes dois sacramentos: «A Ordem e o Matrimónio são ordenados para a salvação de outrem. [...] Conferem uma missão particular na Igreja, ao serviço da edificação do povo de Deus»<sup>7</sup>.

**Para representar a Igreja, o Magistério recorre com frequência a três imagens bíblicas:** a de povo de Deus, imagem tomada pelo Vaticano II, que evidencia a dimensão histórica, visível e de peregrinação; a de Corpo de Cristo, usada por São Paulo, predominante antes do Concílio, que exprime a unidade entre Cristo e a Igreja; e, finalmente, a de Igreja Esposa de Cristo, desenvolvida ao longo dos anos do pós-Concílio, que sublinha a distinção entre Cristo e a Igreja, porque se trata de uma união interpessoal, entre dois seres que se encontram face a face, tal como os esposos. **Estas três imagens contribuem para uma melhor compreensão da relação entre os ministros do culto (sobretudo os bispos) e a comunidade:** na primeira imagem, a Igreja povo de Deus, os pastores guiam o rebanho; na Igreja corpo de Cristo o padre representa Cristo cabeça do corpo que é a Igreja; na imagem nupcial representa Cristo esposo da Igreja. Estas belas imagens ajudam-nos a ver a Igreja como uma comunidade reunida em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **A Igreja é então sacramento do amor de Deus** pela humanidade.

Toda esta riqueza se encontra nas Equipas de Nossa Senhora, e torna-se visível na relação concreta de comunhão entre os padres e os casais.

7. Catecismo da Igreja Católica (1992), 1534.

# 2

## O padre numa Equipa de Nossa Senhora: sinal e presença de Cristo

«Passava eu o último serão com os amigos que me tinham convidado para pregar um retiro. Voltei tarde para o meu quarto e, quando fechava as persianas, apercebi-me de umas luzes através das árvores. “Voltaram para o quarto”, pensei, recordando os casais participantes, e certamente naqueles quartos há nesta noite uma ternura humana mais ardente e um amor maior a Deus”.

Foi então que me surgiu uma reflexão inesperada, e vi muito claramente a afinidade que existe entre o casal e o padre, o vínculo que une o padre à família cristã. Como são belos estas casais!... e é esta felicidade, esta plenitude, que Deus pede ao padre que sacrifique!... Que dom magnífico do discípulo ao seu Mestre! Como entender que aquele que renuncia ao amor e à paternidade seja justamente o que tem poder para reavivar a chama do casal? Será um paradoxo? Não, não é um paradoxo, mas uma misteriosa correspondência entre a Ordem e o Matrimónio.

Seria, de facto, muito superficial pensar que o padre se abstém de fundar uma família por desprezo pelo amor e pela família. Não é por desprezo mas por consagração: ele é o cordeiro marcado para o sacrifício, para que Deus abençoe o rebanho inteiro».

Padre Henri CAFFAREL, 1947

## 2.1. A visão do Padre Caffarel: mediação e complementaridade

Todos conhecemos a história do encontro entre o Padre Caffarel e os primeiros casais. Não foi resultado de uma pesquisa teológica prévia. Foi um presente de Deus à Igreja: a semente de um carisma. Muito cedo (1947), o Padre Caffarel aprofundou o sentido daquele encontro a partir do mistério e da missão dos padres, alguma coisa que começou naquela «tarde de primavera» quando, enquanto subia ao céu, Jesus comunicou aos apóstolos um poder misterioso: o de ser seu prolongamento na terra, estendendo-se e perpetuando-se.<sup>8</sup>

Em 1954<sup>9</sup> e 1955<sup>10</sup>, o Padre Caffarel sublinhava que **o fundamento da distinção entre clérigos e leigos é o poder santificador do padre**: «*Literalmente: Cristo capacita os seus padres para nos santificar*» (ou seja, para nos levar a Deus). Cristo age, dá vida, ensina... através dos padres, e tudo isso se fará «conforme a tua fé» (Mt 8,13). E, talvez antecipando a escassez de padres, reflectia: «*Objectar-me-eis – diz – que Cristo não dispõe só do corpo sacerdotal mas também do Espírito Santo para santificar as almas. É verdade! Felizmente, porque, se assim não fosse, teríamos de perder a esperança de salvação para os milhões de seres a que a acção sacerdotal não pode chegar directamente*».

O Padre Caffarel pensa que, para quem conhece Cristo e a sua doutrina, **o recurso ao ministério sacerdotal não é uma opção**: é pela acção sacerdotal e pelos sacramentos que Cristo chega até nós e nos comunica o Espírito Santo.

**Como Jesus, o padre é, antes de mais, «mediador»**: o homem que se coloca no meio para unir, indo de Deus aos homens e dos homens a Deus. O próprio Padre Caffarel não deixa de vibrar perante esta enorme missão, e acaba animando os casais a intensificar o seu olhar de amor e a sua gratidão para com eles, «*estimando-os, acolhendo-os, apoiando-os e rezando*», um apelo que, sem dúvida, marcou o estilo das Equipas.

8. HENRI CAFFAREL, «Le foyer et le prêtre», *L'Anneau d'Or*, n° 14, Março-Abril 1947.

9. HENRI CAFFAREL, «Nos deux sacrements», *L'Anneau d'Or*, n° 60, Novembro-Dezembro 1954.

10. HENRI CAFFAREL, «Introduction à la connaissance du prêtre», *L'Anneau d'Or*, n° 63-64 spécial «L'homme de Dieu», Maio-Agosto 1955.

### 2.1.1 Ser sinal e presença de Cristo

«*Pedistes aos vossos padres que aprofundassem o mistério cristão do matrimónio [...] Permitti-me agora a mim que vos peça, a vós que nos pedistes que compreendêssemos as grandezas do vosso matrimónio, que reflectais na grandeza da nossa vocação sacerdotal. Entendei-me bem, não é simpatia o que procuro, mas uma compreensão profunda do misterioso poder do nosso sacramento.*»

Padre Henri CAFFAREL, 1954

Não quer isto dizer que o padre substitua Cristo, nem sequer que está mais perto d'Ele, mas que, pelo seu sacramento, O representa.

Assim, os padres são com os crentes membros de Cristo; mas, para os crentes e ao lado deles, os padres são aqueles que tornam presente Cristo-Cabeça. A cabeça não está separada dos membros, porém não coincide com eles.

É por isso que **o padre faz parte da equipa de maneira diferente**. Apesar da sua profunda unidade com o povo crente, continua a ser para ele um acompanhante. Pertence à equipa e, ao mesmo tempo, está diante dela, na sua missão de pastor e de profeta. Este é um aspecto que tem a ver com a fé (há que transcender a aparência e as limitações humanas), mas é o mais fundamental, visto que exprime a «sacramentalidade» da equipa. A representação de Cristo pelo padre é que leva à perfeição a dimensão eclesial da equipa (ser «Ecclesiola»).

Mons. Dominique REY<sup>11</sup> propõe pensar nas três figuras que o padre é chamado a encarnar: **«a de pai, a de esposo e a de irmão»**. Pai: o padre gera vida nova na alma da equipa e dos seus membros. Esposo: o padre torna a equipa fecunda para que os seus membros dêem fruto. Irmão: estar «diante» dos irmãos quer dizer estar «aos pés» dos irmãos.

11. Mons. Dominique REY: «Le prêtre». Tempora, 2009.



«Há uma acentuada sensibilidade para apagar todas as diferenças entre as pessoas, e, conseqüentemente, acentua-se, hoje mais do que nunca, a igualdade fundamental de todos e a fraternidade universal em Jesus. E, neste caso, pretende ver-se o padre na equipa como um irmão entre os irmãos. A fraternidade, dado radical no cristão em virtude da filiação em Cristo, deve estar presente no padre. Mas também é verdade que o padre é um irmão diante dos irmãos, representando Cristo. Estar diante dos irmãos não significa só ter um papel de especialista, como se o trabalho do padre fosse unicamente o de um assistente social ou o de um conselheiro matrimonial. Significa ainda menos estar acima dos irmãos; antes significa estar aos pés dos irmãos. O padre identifica-se com Cristo aos pés dos casais, que é uma maneira de estar diante, própria do ministério sacerdotal. Esta responsabilidade nem sempre é fácil de assumir. Compete aos padres viver a sua identidade com fidelidade, e aos casais ser os primeiros a ajudar os seus padres a exercer o seu ministério com autenticidade».

Padre José María DÍAZ ALEJO<sup>12</sup>, 2010

Tudo isto se percebe e se aceita pela fé, e não se traduz em poder, saber ou qualquer tipo de superioridade; antes é **presença**, e traduz-se em **serviço**.

- A **presença** do padre é sinal e lembrança da proximidade de Deus, que se interessa pela nossa vida.
- A missão de **serviço** implica no padre ser livre de todos para poder estar disponível para todos. Por isso, os equipistas devem deixar o conselheiro ser livre e ser ele mesmo, sem pretender monopolizá-lo.

12. Conselheiro da Região Centro (SR Espanha); actualmente director adjunto dos meios de comunicação da Arquidiocese de Toledo. Citação em *Carta de la SR España*, nº 253, Março-Abril 2010.

É claro que, mesmo sem a presença do padre, seríamos Igreja. **Cristo torna-se presente na relação de comunhão fraterna dos seus discípulos:** «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18,20). Mas na equipa a comunhão de sacerdotes e casais tornase plenamente Igreja, sacramento de amor e união, lugar de acolhimento e evangelização.

O longo caminho percorrido pelas ENS de todo o mundo à luz do Concílio Vaticano II tem permitido perceber que **padres e leigos podem ajudar-se mutuamente a progredir no conhecimento do mistério de Cristo**. Por um lado, os padres acompanham os casais no difícil discernimento que estes são chamados a fazer diariamente e, por outro, a presença dos casais que rezam e se amam ajuda os padres a exercer o seu ministério com mais dinamismo e profundidade fecunda.

Compete aos pastores celebrar a comunhão através da Eucaristia e do ministério da Reconciliação, reconhecendo os dons que o Espírito Santo suscita na comunidade. Neles está «o carisma da síntese a não a síntese dos carismas»<sup>13</sup>.



13. Mons. Francesco LAMBIASI, Bispo de Rimini e presidente da Comissão Episcopal para o Clero e a Vida Consagrada, 2012.

## 2.1.2 A complementaridade entre padre e casais

«O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciem essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um ao outro; pois um e outro participam, a seu modo, do único sacerdócio de Cristo. Com efeito, o sacerdote ministerial, pelo seu poder sagrado, forma e conduz o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico fazendo as vezes de Cristo e oferece-o a Deus em nome de todo o povo; os fiéis, por sua parte, concorrem para a oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real, que eles exercem na recepção dos sacramentos, na oração e acção de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade operosa.»

**Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Igreja LUMEN GENTIUM (10)**

Desde o princípio<sup>14</sup>, nas Equipas de Nossa Senhora fala-se com frequência da «complementaridade de padres e casais». A que nos referimos?

### • Complementaridade de sacramentos

- Os padres configuram-se com Cristo-cabeça; o mistério da aliança conjugal é sinal do mistério da aliança de Cristo-esposo da Igreja.
- Em algumas supra-regiões, a emergência do diaconado permanente ilumina uma Igreja serva no coração das sociedades humanas e recorda que os ministros ordenados (diáconos, presbíteros e bispos) estão ao serviço desta dimensão da Igreja que segue Cristo Servo, que é a de todos os baptizados: anunciar a Palavra, viver os Sacramentos e trabalhar em prol da comunhão.<sup>15</sup>

14. Ver nota 5

15. Conc. Ecum. Vat II, Const. dogm. sobre a Igreja LUMEN GENTIUM (1964), 11-22.

- «A Igreja está de boa saúde quando deixa ressoar os apelos do Espírito Santo e deixa que cada um lhes responda. É assim que esses apelos suscitam gerações recíprocas: são os leigos que geram padres, mas é o ministério dos padres que gera os baptizados na sua dignidade sacerdotal e real».<sup>16</sup>

### • Complementaridade de vocações

«O Padre Caffarel considerava mais a complementaridade das vocações matrimonial e sacerdotal do que a dos sacramentos de que elas são expressão».<sup>17</sup>

No seio da «pequena Igreja» que uma equipa é, está a riqueza espiritual que dá origem às duas formas de sacerdócio: o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum dos fiéis. As duas modalidades não coincidem: diferem em natureza e não apenas em grau; não são intermutáveis e não se podem reduzir uma à outra. Mas também não podem ser separadas...

«A única razão de ser do sacerdócio do padre é tornar possível o dos fiéis: dar-lhes a capacidade de apresentar a Deus todo o seu ser e toda a sua acção numa oferenda espiritual»<sup>18</sup>

### • Complementaridade de estados de vida

**Na equipa, o padre é «o homem para todos».** É o rosto de quem se entrega para amar. É para os casais apoio nos momentos difíceis, sinal sensível do perdão de Deus, ponto de referência e de discernimento para descobrirem os apelos do Senhor. Ajuda os casais a fazer das suas vidas uma eucaristia unindo-os ao sacrifício de Cristo ao Pai.

16. Mons. Jean Pierre BATUT, Bispo de Blois, revista *Sub signum Martini*, nº 51, Junho 2016, p. 13.

17. PConselheiro espiritual internacional da Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição e da Associação «Amigos do Padre Caffarel». Foi postulador da fase diocesana da causa de beatificação do Padre Caffarel.

18. Cardenal DANNEELS: *Brochure de Pâques*, 1990.

Consagrado no celibato, lembra-nos que, fundamentalmente, o nosso coração é feito para Deus, o único que pode satisfazer as nossas aspirações mais profundas.<sup>19</sup>

**E há um rosto de Deus que os esposos reflectem com as suas vidas<sup>20</sup>:** o do amor concreto e particular por cada criatura, o da ternura, o de quem cada dia dá uma nova oportunidade com paciência e fidelidade, o de quem está próximo do outro mas deixa-o ser ele mesmo, o da fecundidade.

#### • Complementaridade eclesial

A noção de complementaridade remete também para a que existe entre a Igreja local e a equipa. Enquanto célula da Igreja, a equipa está em relação com esta e deve viver com ela as permutas próprias de uma complementaridade: a equipa é interpelada e interpela e enriquece a Igreja do lugar. A aliança do Matrimónio e do Sacerdócio representa a própria Igreja e faz parte «*daquele dinamismo dos inícios*» do nosso Movimento; por isso, a aliança deve servir não só para o bem próprio dos que dela fazem parte, mas também para o bem de toda a Igreja, de onde ela provém.



19. Cf. Papa Francisco: Exort. ap. pós-sinodal AMORIS LAETITIA (2013), 161.

20. Cf. Papa Francisco: Exort. ap. pós-sinodal AMORIS LAETITIA (2013), 161-162

## 2.2. Missão do padre numa Equipa de Nossa Senhora

«Como pároco, o meu cargo compreende três dimensões principais: pregar o Evangelho, celebrar o culto divino e guiar a comunidade paroquial. Na minha equipa, esta terceira dimensão (padre como pastor) fica como que entre parênteses: eu não sou o responsável da equipa. Isto implica outro tipo de relação com os casais, relação que se traduz numa certa familiaridade que se verifica em determinados momentos ("partilha" e "pôr em comum") em que intervenho ao mesmo nível que os outros membros.

O meu papel de Conselheiro espiritual não consiste em primeiro lugar no que posso fazer ou dizer, mas no facto de estar presente como padre.»

Padre Olivier de GERMAY<sup>21</sup>, 2004

Nas Equipas, falamos muitas vezes da «função» do Conselheiro como se se tratasse de um trabalho, e podemos acabar por pensar neles como funcionários qualificados. Mas o Conselheiro, ainda que tenha sido escolhido pela equipa, não é obra da equipa nem tem um contrato com ela. **O Conselheiro, por ser padre, esteja onde estiver, só pode ser entendido como enviado por Deus, com a tarefa de Deus,** não com a sua.

Assim, a missão essencial do Conselheiro é «ser sinal e presença de Cristo», mas isso não quer dizer que só a sua presença baste para desempenhar a missão para que foi enviado à equipa. **O acompanhamento espiritual do padre à equipa**, no caminho para a santidade dos seus membros, desenvolve-se em torno de três eixos: estar ao serviço do amor conjugal, estar ao serviço do Magistério e estar ao serviço da comunhão.

21. Conselheiro do Sector Haute-Garonne da SR França-Luxemburgo-Suíça. Actualmente é Bispo da diocese de Ajácio.

### 2.2.1 Estar ao serviço do amor conjugal

A Carta fundadora das Equipas expressa isto mesmo com simplicidade e clareza: «O Padre [Conselheiro espiritual] não dá apenas os princípios, mas ajuda ainda os casais a procurar introduzi-los na sua vida».

«Antes de mais, esforço-me por ajudar os casais a acolher a graça do seu sacramento no quotidiano das suas vidas. Não basta ter lido tudo sobre a comunicação no casal, ou outros temas parecidos, é preciso acolher a graça d'Aquele que anuncia e realiza a boa nova do matrimónio!»

Padre Olivier de GERMAY<sup>22</sup>, 2004

Através da sua escuta, da sua experiência, dos seus conselhos, o padre Conselheiro é quem revela os dons do Espírito Santo que permitem acolher as decisões certas segundo a vocação específica do matrimónio e as «Orientações de vida». Assim, **o padre ajuda o casal a viver com pleno sentido humano e sacramental o seu baptismo e o seu matrimónio**: fazer das suas vidas uma Eucaristia.

O padre Conselheiro ajuda os casais a serem fiéis ao carisma de forma dinâmica. Isto significa ajudá-los a crescer a partir do que são até chegarem a ser o que deveriam ser. Não é fácil. Sobretudo quando, numa equipa, se chega a um tipo de relação que admite tudo e tudo tolera. Custa dizer a uma pessoa ou a uma equipa que não reage que esse procedimento não é válido, que seria preciso lançar este ou aquele desafio,... é isto o padre diante da equipa.

Ajudar pode ter muitos sinónimos: animar (dar vida), orientar (dar sentido), iluminar (dar verdade), propor, provocar, corrigir... , acções que podem estar ao alcance de qualquer membro da equipa enquanto comunidade de fé, mas que, vindas de um padre, ganham um significado e uma fecundidade especiais.

22. Ver nota 21.

Assim, o padre Conselheiro, com base numa permanência estável, é um factor de transformação para o casal e para a equipa. Ao longo dos anos, a partilha de orações, de pensamentos e de carismas vai, a pouco e pouco, penetrando na equipa, dando-lhe um determinado estilo de viver a fé.

Em duas palavras: **«O Conselheiro marca a vida da equipa»<sup>23</sup>**.

### 2.2.2 Estar ao serviço do Magistério

«O meu papel com padre Conselheiro Espiritual é proporcionar um aprofundamento da inteligência da fé. Na troca de impressões sobre o tema de estudo, sobretudo, pedem-me esclarecimentos sobre a Escritura ou textos da Igreja, com a preocupação de encontrar as aplicações concretas na vida quotidiana: o equilíbrio entre escutar e usar da palavra nunca é fácil de encontrar!»

P. Olivier de GERMAY<sup>24</sup>, 2004

Pelo seu ministério, o Padre Conselheiro tem também a missão específica que consiste em:

- **levar a Palavra de Deus.** O Conselheiro ilumina o casal e a equipa a partir do Evangelho. A comunidade é criada pela fé, e a fé, pelo anúncio e pela escuta da Palavra.
- **levar a palavra do Magistério da Igreja.** O Conselheiro é, pela sua competência doutrinal, a autoridade a consultar quando há questões teológicas.

23. Mons. Ginés García, Bispo da diocese de Guadix-Baza, «Los ENS son una gracia para el sacerdote», Carta 253 SR Espanha, pp. 24-26, Março-Abril 2010.

24. Ver nota 21.

- **levar uma palavra profética face à equipa.** Estando dentro e fora da equipa, o Conselheiro pode interpretar melhor as situações e dar uma palavra de encorajamento, de advertência, de denúncia, se necessário. Ajuda os casais a entenderem e a serem fiéis à Carta. Ajuda a compreender melhor o tema de estudo e a aplicá-lo na vida quotidiana.

**O Conselheiro não tem o exclusivo da Palavra.** O Espírito Santo pode falar pela boca de qualquer pessoa. Por isso, a palavra de todos deve ser escutada, valorizada e reconhecida como se fosse uma palavra sagrada. Mas vinda do padre, que representa Cristo-cabeça na equipa, a Palavra, que é Caminho, Verdade e Vida, ganha uma presença especial.

*«Com a experiência de mais de 30 anos nas Equipas, devo confessar que aquela pequena pregação após a proclamação do texto bíblico, como explicação do mesmo e introdução à oração partilhada, é para mim um dos momentos privilegiados e apreciados de entre os meus múltiplos serviços à Palavra. Preparo-a sempre com entusiasmo e carinho porque considero que constitui o meu contributo mais importante para a reflexão sobre o tema de estudo e para a própria vida da equipa. [...] Além de favorecer um clima de oração, o Conselheiro deve actualizar a Palavra de Deus, isto é, torná-la compreensível e interpeladora».*

**Padre Miguel PAYÁ<sup>25</sup>, 2010**

25. Conselheiro de equipas na Região Levante da SR Espanha. Foi Conselheiro da Supra-Região de 1997 a 2005.

### 2.2.3 Estar ao serviço da comunhão

*«A comunhão eclesial configura-se, mais precisamente, como uma comunhão "orgânica", análoga à de um corpo vivo e operante: ela, de facto, caracteriza-se pela presença simultânea da diversidade e da complementaridade das vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades. Graças a essa diversidade e complementaridade, cada fiel leigo encontra-se em relação com todo o corpo e dá-lhe o seu próprio contributo».*

**JOÃO PAULO II, *Christifideles laici* 20**

A unidade na diversidade é fruto dos dons que o Espírito distribui na comunidade; e «entre estes dons, sobressai a graça dos Apóstolos»<sup>26</sup>.

O padre é, pois, ministro ao serviço da promoção e da manutenção da unidade:

- seja no interior da pequena comunidade
- seja entre a pequena comunidade e o conjunto da comunidade cristã.

**Um aspecto fundamental da missão do padre Conselheiro é ajudar a equipa a construir-se (e a reconstruir-se, se necessário) como uma comunidade à imagem da Igreja.** Um desafio permanente da equipa é a comunhão na diversidade de pessoas, de mentalidades, de opções; a superação de qualquer problema de divisão.

26. João Paulo II, Exort. ap. pós-sinodal CHRISTIFIDELES LAICI (1988), 20.

Há uma tensão permanente na equipa: fechar-se ou abrir-se à Igreja e tudo o que isso implica: formação, disponibilidade, compromisso apostólico: por isso, **o padre Conselheiro Espiritual mantém a equipa aberta às necessidades e ao dinamismo da Igreja.** Os Conselheiros – dada a sua condição sacerdotal e a sua participação na Igreja local – promovem a ajudam essa inserção necessária na pastoral diocesana.

*«O padre significa também que a equipa não é um clube fechado sobre si mesmo, mas inserido na Igreja e proveniente dela [...]*

*Procuro ajudar a equipa a abrir-se à dimensão eclesial do Movimento. Os responsáveis também o fazem à sua maneira; quanto a mim, insisto sobretudo na forma de olhar a Igreja: um olhar de fé que vai além dos limites humanos. Por vezes, estabeleço o paralelo com o olhar que cada membro da equipa dirige ao seu cônjuge, aos filhos ou a outras pessoas».*

**Padre Olivier de GERMAY<sup>27</sup>, 2004**

**É o padre quem garante a eclesialidade da equipa.** Ele recebeu do Bispo o seu ministério; assegura a relação com o ministério apostólico da Igreja e com a Hierarquia. Fazer parte da Igreja é fazer parte de uma Igreja local ou diocese. Por isso, face à escassez de padres, surge a pergunta: *«como asseguramos a relação da equipa com a Hierarquia, com a Igreja?»*. É uma questão importante a tratar e a resolver.

27. Ver nota 21

# 3

## A “arte do acompanhamento”<sup>28</sup> espiritual nas ENS

Até agora, reflectimos sobre o significado da presença e da missão do Conselheiro espiritual nas Equipas de Nossa Senhora. O Padre Miguel Payá<sup>29</sup> faz esta síntese: «Em essência, o Conselheiro na equipa é padre e acompanhante. Na segunda função pode ser substituído; na primeira, não».

**Convém, pois, iniciar no Movimento uma reflexão sobre o «como» do «acompanhamento espiritual»,** por duas razões fundamentais. Uma delas é que, tendo em conta a diminuição do número de padres em muitos países, o acompanhamento espiritual recairá progressivamente num maior número de acompanhantes não padres. Por outro lado, para ajudar os equipistas a progredir no caminho do amor e da santidade, é necessário um acompanhamento de qualidade, seja ou não um padre quem o assegura.

O Papa Francisco disse: para tornar presente a fragrância de Jesus e o seu olhar sobre este mundo, *«A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta «arte do acompanhamento», para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3,5). [...] Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine*

28. Cf. Papa Francisco, Exort. ap. EVANGELII GAUDIUM (2013), 169-173.

29. Ver nota 25



*a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas»<sup>30</sup>.*

O salmista ajuda-nos a compreender a arte do acompanhamento espiritual de um grupo de casais quando diz: «Quem dera ouvísseis hoje a sua voz: não endureceis os vossos corações como [...] no deserto»<sup>31</sup>.

### Hoje

Percebemos aqui a **missão vigilante do acompanhamento**: estar atento a essa relação vital entre o hoje eterno de Deus e o hoje que nos toca viver. Trata-se de levar com benevolência à presença do Reino as nossas vidas. Nisto o acompanhamento, feito com delicadeza e prudência, reveste-se de um carácter algo profético. Trata-se de ousar falar com liberdade para «recentrar» as intervenções nessa tensão entre o hoje de Deus e o hoje do quotidiano dos homens.

### Quem dera ouvísseis

Aqui olhamos para Maria como modelo perfeito da escuta.

**Escutar é mais do que ouvir.** Supõe, em primeiro lugar, calar as nossas próprias apreciações ou sentimentos para deixar o outro exprimir-se. Um bom acompanhamento não monopoliza a palavra, não a corta a propósito e a despropósito, nem faz juízos precipitados, muitas vezes desprovidos de discernimento.

Escutar, quando se acompanha uma equipa de Nossa Senhora, **é estar à escuta do Senhor na oração**, alimentando-a com o que vivem os membros da equipa: as suas alegrias, dificuldades, contratempos... descobrindo como esses acontecimentos podem estar relacionados com alguma passagem das Escrituras. É assim que, no momento da reunião da equipa, a escuta de quem acompanha é realmente habitada pela vida..

30. Cf. Papa Francisco, Exort. ap. EVANGELII GAUDIUM (2013), 169 e 171.

31. Cf. Salmo 95 (94), 7-8

Neste contexto, **a escuta de quem acompanha a equipa não substitui a do casal animador da reunião**; é complementar a esta. É uma escuta em profundidade do que se diz na equipa. É pedir um esclarecimento em caso de incompreensão ou de mal-entendidos que poderiam dar lugar a dispersões ou discussões. É suscitar um diálogo em que todos possam exprimir-se à sua maneira, sem precipitações, ajudando-os a revelar aquilo que é difícil de partilhar. **O bom acompanhamento favorece a confiança**, que progressivamente vai permitindo que todos se respeitem, inclusive até chegar a expressar algo de mais íntimo. Escutar é também não se deixar iludir por uma falsa transparência, mas deixar a cada um essa parte do seu «jardim secreto», que talvez possa vir a abrir-se a pouco e pouco.

O que faz com que o acompanhamento de uma equipa seja uma tarefa complicada é o facto de não se tratar de um acompanhamento individual. É preciso **estar atento a cada um dos membros da equipa e, ao mesmo tempo, à comunhão**, ao diálogo, ao respeito e à confiança entre eles. É evidente que a escuta, instrumento indispensável do acompanhamento espiritual, se apoia na oração da reunião. A releitura, na reunião de balanço, do que foi a oração da equipa ao longo do ano pode ser um dos contributos mais importantes do acompanhamento espiritual para a vida da equipa, num sentido de discernimento.

### A Palavra

Deus fala e age no coração deste mundo. Aí está a força da fé cristã: discernir, no meio do mundo e das suas ambiguidades, os lugares, os momentos e as pessoas que me tornam cada vez mais livre em Cristo, até poder dizer como São Paulo: «*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*» (Gl 2,20). O acompanhamento procurará **ajudar a descobrir como Deus age no seio da equipa e dos seus membros através de três prismas**: a Sagrada Escritura, os sacramentos e os acontecimentos.

- Verificar como as passagens da **Escritura** puderam tomar corpo no concreto da vida dos membros da equipa. Ajudá-los a dar-se conta disso. O acompanhamento deve desempenhar um papel determinante no caminho da apropriação e da encarnação da Escritura.
- Verificar como os **sacramentos da Eucaristia e da Penitência** ajudam a traçar o caminho. Nisto, o acompanhamento deve velar por que a vida sacramental de cada casal alimente a graça do sacramento do matrimónio. Descobrir como os esposos, sinal da aliança de Cristo com a Igreja, podem selar mais fortemente a sua união com a prática frequente dos sacramentos «para o caminho». Um acompanhamento que estimule a «oração conjugal» e o «dever de se sentar» conduzirá os casais à graça da reconciliação e da eucaristia e iluminá-los-á.
- Verificar cómo los **acontecimientos** del mundo pueden ser signos de un progreso espiritual, o incluso de una conversión más o menos radical en algún aspecto de la vida de la pareja. ¿No está el equipo demasiado atado a los problemas personales, familiares? ¿cómo ser solidarios con los sucesos del mundo? El acompañamiento ayudará a discernir sobre esto.

São estes três «lugares estruturantes» que é preciso ocupar sempre, com discrição e sabedoria, a partir de um acompanhamento que desempenha assim um papel de profecia, de testemunho e de serviço. Uma bela tarefa que, com doçura e firmeza, à escuta da Trindade, pede a graça de saber despertar, vigiar e reanimar a «cristificação» de cada membro da equipa.

# 4

## A falta de padres, um novo apelo do Espírito à Igreja e às Equipas de Nossa Senhora?

O aumento do número de equipas e a diminuição do número de padres tornam cada vez mais difícil, sobretudo em alguns países, a presença de um padre em cada equipa. Temos, por conseguinte, de procurar respostas para esta dificuldade, uma vez que **a real falta de padres não deve impedir nem a formação de novas equipas nem a caminhada equilibrada daquelas que já existem.**

Por outro lado, é necessário fazer face a esta situação de forma comum, a fim de preservar a unidade e os sinais de identidade do Movimento, evitando que as equipas recorram a soluções arriscadas esquecendo os princípios ou quando não existir uma necessidade verdadeira e urgente.

### 4.1. Visão e orientação do Padre Caffarel

Já em 1961, o Padre Caffarel via este problema<sup>32</sup>: «três equipas de uma pequena aldeia de França têm de partilhar o único padre que resta na região; no Brasil, há casais prontos há meses para formar equipa mas não podem porque ainda não encontraram um padre...». O Padre Caffarel, segundo o seu costume, diz categoricamente: «A questão está levantada, impossível evitá-la: a reunião mensal de uma equipa poderá realizar-se sem a presença de um padre?». Reconhece que a Carta de 1947 não contemplava estas situações, «mas não nos iludamos, este dilema vai pôr-se com uma frequência cada vez maior:

32. Henri CAFFAREL: «Pénurie», *Lettre mensuelle des END*, 1961-5 XIV/8.



ou não haverá mais equipas ou haverá equipas sem a assistência de um padre em cada reunião, ou até sem nunca ter a presença de um padre». Para ele, a opção é clara, e expressa-a interrogando-se: «Esta falta de padres vai travar a expansão do Movimento?». É evidente que não. O problema está diante de nós, e o Movimento resolvê-lo-á, como sempre tem feito, **caso a caso, com os responsáveis, acompanhando de perto as experiências.**

«Esta falta de padres vai travar a expansão do Movimento? (...) O problema está posto: há que o resolver, em cada caso particular, com a Direcção do Movimento. Como é nosso costume, vamos acompanhar muito de perto as primeiras experiências antes de preconizar uma solução. Aqui, uma equipa antiga vai sem dúvida renunciar à presença regular do seu conselheiro para benefício da equipa que está a nascer; ali, o padre só assistirá a uma reunião em cada duas ou três...

Gostaria que para todas as equipas esta fosse uma ocasião para se interrogarem sobre se dão o justo valor à presença do seu conselheiro, se sabem aproveitar ao máximo a sua ajuda sacerdotal, se evitam monopolizá-lo.

(...) Às equipas que vão ter de aceitar estas restrições, gostaria de dizer o seguinte: não fiquéis simplesmente resignados, sabeis adivinhar as intenções divinas. Pascal escreveu: “Se Deus nos fizesse senhores da sua mão, oh! como seria fácil obedecer-lhe de bom grado! A necessidade e os acontecimentos seriam para nós infalíveis”. Sabei, pois, compreender o significado providencial desta privação parcial de padres que nos é imposta.

É verdade que, nestas equipas, o casal responsável terá o sentimento de uma maior responsabilidade, e as equipas estarão obrigadas a uma entreajuda mais generosa, a um amor fraterno mais perfeito: mas não haverá nisto um benefício? Certamente, os casais avaliarão melhor a sua ignorância e serão levados a precisar as suas perguntas para as exporem ao padre na sua próxima visita: isto também é um benefício. Assim, o que, à primeira vista, parecia pura e simplesmente uma perda, revelar-se-á como fonte de benefício espiritual. Será ainda necessário, para que esta provação seja útil, que os casais não se deixem arrastar nem para uma menor estima pela presença sacerdotal nem para uma presunçosa suficiência, mas que a vejam com espírito de fé, engenho, humildade, generosidade».

Padre Henri CAFFAREL, 1961

O Padre Caffarel não contempla um impossível «substituto» para o padre. Para ele, o caminho é a generosidade na maturidade: saber partilhar e esforçar-se mais. Ele acredita que, se as equipas valorizam na sua justa medida a importância do padre, estarão mais dispostas a não monopolizar esse tesouro fundamental. Apela à maturidade das equipas que se vêem afectadas pela escassez: saber assumir e compreender o seu significado, exercer com mais interesse a responsabilidade, formar-se melhor... É aquilo a que hoje chamaríamos uma «**pedagogia da ausência**».

Sempre guiados pelo impulso do Padre Caffarel para procurar juntos o melhor para os casais e para a Igreja, em cada momento, lugar ou circunstância, e partindo das experiências vividas<sup>33</sup>, **os actuais responsáveis do Movimento a nível internacional estabelecem a seguinte ordem de prioridades** para assegurar o acompanhamento espiritual das Equipas de Nossa Senhora<sup>34</sup>:

- 1º: **procurar** sempre a participação plena de um padre Conselheiro na vida de cada equipa,
- 2º: **integrar na equipa** um Acompanhante Espiritual, assegurando sempre o vínculo da equipa a um padre, ou
- 3º: **facilitar** a participação parcial de um padre na vida da equipa.

**O Sector é o nível chave para aplicar esta orientação.** Os seus responsáveis estarão cientes de que o recurso a outras opções só deverá ser adoptado depois de esgotada a primeira opção.

O Sector também é Comunidade, e, a este nível, através da ligação e da entreajuda, os responsáveis devem encontrar respostas adequadas, caso a caso, para as equipas que não dispõem de um padre Conselheiro.

33. A este propósito, podemos destacar dois contributos: a SR Brasil (em que as estatísticas de 2015 reflectem a presença de 420 Acompanhantes Espirituais) entregou, em Julho de 2013, à Equipa Responsável Internacional um documento intitulado *L'Accompagnateur Spirituel Temporaire*, cujas conclusões foram apresentadas ao Colégio de Roma 2015; a SR França- Luxemburgo-Suíça criou, em 2015, uma equipa de reflexão sobre este tema, cujas observações foram enviadas à ERI.

34. O presente documento foi aprovado pela Equipa Responsável Internacional, reunida em Munique (RR Germanófono) em Março de 2017.

## 4.2. Procurar sempre a participação plena de um padre Conselheiro na vida de cada equipa

É parte do ideal do Movimento que cada equipa conte com a participação de um padre como Conselheiro Espiritual. Isto não é opcional. Numa Equipa de Nossa Senhora, comunidade reflexo da Igreja, **o vínculo ao padre não é intermutável com outra figura, não há alternativa**. Pode ter-se em conta a sua ausência (o que implica uma mística e uma pedagogia), mas não se pode substituí-lo.

**Uma equipa nunca deve renunciar à integração de um padre.** As estruturas e os meios do Movimento devem ajudar a manter sempre o desejo desse encontro entre casais e padres para constituir comunidades que sejam sinal e instrumento fecundo da Igreja.

Contar com um padre como Conselheiro é particularmente importante para as equipas novas, que devem compreender e experienciar muito bem desde o princípio o carisma e a mística do Movimento. Os responsáveis de Sector devem estar muito atentos a esta necessidade.

Procurar sempre a integração de um Conselheiro em cada equipa é um esforço que, por sua vez, exige um trabalho de sensibilização de casais e de padres.

### 4.2.1. Sensibilizar e motivar os casais

O Padre Caffarel desejava que as equipas escutassem o aviso de João Baptista aos judeus: «No meio de vós está quem vós não conheceis», e que fizessem um esforço no sentido de conhecer o sacerdócio, tal como os padres têm feito para descobrir a grandeza do matrimónio.

Assim, **a motivação começaria por ensinar aos casais o significado profundo do padre**, que muitas vezes despojamos do seu ministério, talvez pela própria proximidade com ele. Com este conhecimento, esforçar-nos-íamos mais por atrair conselheiros e partilhá-los se fosse necessário.

«Quando a civilização se torna mais técnica e materialista, quando a tentação do desespero se apodera do homem, então, no fundo da alma, agita-se uma irreprimível necessidade de outra coisa, do sagrado, do mistério. “Deixa falar aquela pessoa que na rua te pediu lume: em dez minutos pedir-te-á Deus”, observa Duhamel.

Não tenho a certeza de que os “bons católicos” tenham o mesmo interesse pelo padre. E isto também é um problema. Será que o vêem demasiado próximo? [...] Para eles, o padre está como que despojado do seu mistério. Julgam-no segundo as normas que usam para julgar os outros. Certamente mantêm com ele boas relações, não sem alguma reserva defensiva, proclamam a sua admiração por alguns padres, mas não estou certo de que estimem e honrem o padre.

Será necessário avisá-los de que o pior ainda está para vir? Então os católicos franceses, como os mexicanos de Graham Greene, beijarão a mão consagrada de um pobre padre alcoólico, o último que lhes resta.

E este desconhecimento do verdadeiro carácter do padre não explicaria a escassez de vocações sacerdotais nas nossas famílias católicas?»

Padre Henri CAFFAREL, 1955

Em cada nível do Movimento – equipa, sector, região, província e supra-região – pode actuar-se de forma continuada e progressiva na sensibilização e motivação dos casais para a figura do padre:

- A primeira tarefa seria a **oração pelas vocações** e a sensibilização concreta dos filhos e netos que os leve a interrogar-se sobre o apelo do Senhor.

- A **missão entre os jovens**: o acompanhamento das Equipas Jovens de Nossa Senhora, por exemplo, deve incorporar uma componente de discernimento vocacional, além da preparação *remota* para o matrimónio.
- A **introdução de módulos relativos ao padre nas sessões do Plano de Formação**, em especial nos Encontros de Equipas Novas e na formação específica para Responsáveis de Sector, cujo papel é da maior importância para que cada equipa conte com a obrigatória referência a um padre Conselheiro.
- Através de uma **organização eficaz** e de uma **boa ligação**: é importante que, de maneira adaptada a cada nível, os responsáveis tenham informações actualizadas sobre os Conselheiros que pertencem ou pertenceram ao Movimento, mantenham contacto com eles, conheçam a sua situação de vida em geral e a sua vida pastoral... Desta forma, pode haver um convite permanente e apropriado para manter o seu vínculo ao Movimento.



#### 4.2.2. Sensibilizar e motivar os padres

Esta sensibilização começa com as **relações com Hierarquia**. Os responsáveis das Equipas devem dar aos seus bispos o testemunho de uma comunhão sólida e convicta com eles, a fim de conseguirem o reconhecimento da legitimidade do nosso Movimento como parte da Igreja e, ao mesmo tempo, «a disponibilidade para uma colaboração recíproca»<sup>35</sup>. Através de um contacto frequente e próximo, farão o possível para que os bispos conheçam e observem as equipas presentes nas suas dioceses e apreciem o carisma de um Movimento que apoia os casais e os padres, os forma e os impele à missão da Igreja.

A partir das **relações pessoais com os padres**, os casais podem fazer com que estes descubram, com o seu testemunho de vida coerente e comprometido, o extraordinário potencial evangelizador de uma pequena comunidade:

- Pela **hospitalidade** (um dos sinais de identidade do Movimento) posta ao serviço da amizade com o padre e até da sua pastoral. Escutemos uma vez mais o Padre Caffarel: «O casal, através da prática da hospitalidade, contribui para a vida e para o crescimento da Igreja. Este é um aspecto essencial, específico e insubstituível, mas às vezes demasiado descurado, da missão apostólica do casal [...] A par do ministério sacerdotal, da palavra, da beneficência... há na Igreja um "ministério da hospitalidade". E quem o há-de exercer se não for, em primeiro lugar, o casal cristão? [...] Para tantos contemporâneos a quem nem ocorreria a ideia de se aproximar da paróquia, do clero ou dos sacramentos... o casal cristão é uma paragem no caminho da grande Igreja. Um sacramento da Igreja»<sup>36</sup>.

A Nova Evangelização consiste em sair para a rua, mas também em acolher a pessoa que vem atraída pela fraternidade que o grupo irradia.<sup>37</sup>

35. João Paulo II, Exort. ap. pós-sinodal CHRISTIFIDELES LAICI (1988), 30

36. P. Henri CAFFAREL: «Frappez et l'on vous ouvrira», L'Anneau d'Or, n° 111-112 spécial «Le mariage, ce grand sacrement», Maio-Agosto 1963

37. Mons. Dominique Rey, Congresso sobre a Nova Evangelização (Diocese de Solsona y Vic, 2012)

- **Mostrando o que a pertença à equipa pode dar ao seu ministério.**

As reuniões de informação a padres futuros *Conselheiros*<sup>38</sup> não podem omitir esta importante fonte de motivação, construída a partir da experiência e dos testemunhos de milhares de padres em todo o mundo.

*«A minha primeira impressão é que se trata de um movimento sério, claro nos seus objectivos, definido na sua metodologia, constante nos seus propósitos. Sinto cada encontro da equipa como um momento de oxigenação do espírito, nas relações de toda a ordem. Vejo a equipa também como uma comunidade de aprendizagem. São muitas as coisas que ali se aprendem: a escutar, a discernir cristãmente, a falar com sinceridade das questões difíceis da vida, a confiar em que a comunidade é capaz de ajudar...»*

*Alegra-me muito descobrir nas equipas pessoas interessadas em crescer existencialmente na sua fé, no encontro com Cristo, na sua pertença à Igreja católica. Assusta-me um pouco o grande afecto que as famílias têm por mim, sobretudo quando nos apercebemos de tudo o que pode acabar por significar um padre na vida de uma comunidade e receia decepcionar. Mas, ao mesmo tempo, esse apreço é o melhor estímulo para viver em plenitude este mistério que, como diz São Paulo, levamos em vasos de barro.*

*Sinto-me num movimento religiosa e espiritualmente equilibrado, ponderado, sem extremismos nem militâncias asfixiantes. Pensar nas ENS enche-me de alegria, de vontade de me encontrar com outros, com os pés na terra, porque no clero vivemos por vezes coisas muito elevadas. Nas ENS tenho visto que me incumbe o múnus estritamente sacerdotal e não o organizacional nem o económico. Um ambiente maravilhoso para ser padre e exercer o sacerdócio acima de qualquer outra preocupação.»*

**Padre Rafael De BRIGARD<sup>39</sup>, 2008**

38. Ver a Ficha «Informação aos Conselheiros espirituais», incluída no Plano de Formação Específica das Equipas de Nossa Senhora (ERI, 2011).

39. Pároco da Igreja da Imaculada Conceição do Bairro El Chicó, Arquidiocese de Bogotá.

**Cultivar a dimensão missionária das Equipas**, ajudando os padres a ir até ao fim da sua missão, pode ser uma forma decisiva de os motivar na sua relação com o Movimento.

O Padre Caffarel pôs todo o empenho em que os dois sacramentos se olhassem um ao outro com admiração, numa comunhão espiritual que alimentasse as suas respectivas vocações. Mas animou-nos também a preservar de maneira dinâmica o nosso carisma, «dedicados à Igreja». A ideia da equipa como comunidade cristã deve recordar-nos que **qualquer comunhão é essencialmente missionária**, e que **dar fruto é uma exigência essencial da vida cristã eclesial**<sup>40</sup>: «A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão»<sup>41</sup>. Deveríamos, pois, deixar de nos olharmos mutuamente para passarmos a olhar juntos o mundo e, juntos, actuar nele.

Até agora, os casais das Equipas de Nossa Senhora têm abordado os padres para lhes pedir o seu acompanhamento, sobretudo como consumidores de um serviço. Talvez a melhor e decisiva forma de motivar um padre seja **mostrar-lhe uma comunidade disposta a procurar com ele a maneira de activar e partilhar a missão dos seus membros**. Recordemos o que o Padre Caffarel pedia aos casais para os padres: «estimá-los, acolhê-los, apoiá-los e rezar por eles». Que aplicação concreta poderia ter hoje a palavra «apoiá-los» no contexto do apelo do Papa Francisco a pôr os «carismas ao serviço da comunhão evangelizadora»<sup>42</sup>?

### 4.3. Integrar na equipa um Acompanhante Espiritual, garantindo sempre o vínculo da equipa a um padre

É evidente que as equipas que têm a graça de contar plenamente com um Conselheiro espiritual dispõem na sua pessoa do serviço do acompanhante e da presença do padre.

40. Cf. Jo 15,2.5.16.

41. San João Paulo II, Exort. ap. pós-sinodal CHRISTIFIDELES LAICI (1988), 21

42. Papa Francisco, Exort. ap. EVANGELII GAUDIUM (2013), 130

Mas que fazer no caso de **equipas que se vêem forçadas a caminhar sem o acompanhamento regular de um padre nas suas reuniões**? Esta situação pode ser mais ou menos relevante para a comunhão e o progresso espiritual da equipa consoante a sua antiguidade, o seu nível de formação e o seu empenhamento. É evidente que a necessidade de acompanhamento existe sobretudo quando uma equipa começa, mas não só. A ausência de acompanhante deveria ser excepcional, caso contrário o «*procuremos juntos*» do Padre Caffarel perderia todo o seu sentido.

Assim, em qualquer momento podemos considerar duas situações:

- ou a equipa é constituída por casais com formação suficiente para caminharem sozinhos
- ou a equipa pode necessitar de um «Acompanhante Espiritual»
  - hasta que se encuentre un sacerdote Consiliario que participe regularmente en las reuniones del equipo
  - ou enquanto os casais e o Acompanhante o desejarem, em ligação com o casal responsável do Sector e o Conselheiro do Sector.

Compete ao casal responsável do Sector, em união com o padre Conselheiro do Sector (ou às instâncias responsáveis equivalentes), **ajudar a equipa em questão no seu discernimento e encontrar, de acordo com ela, a solução mais adequada** a cada caso particular.

Em ambas as situações, é o padre Conselheiro do Sector (ou o padre Conselheiro da Região, se ainda não houver Sector) quem deverá estabelecer, em colegialidade com o conjunto dos padres do Sector e em ligação com as equipas em questão, **a forma de assegurar a presença sacerdotal para todas e cada uma das equipas**. Em todo o caso, é necessário que essa presença seja encarnada pessoal e duradouramente por um padre concreto, bem identificado, não por um Conselheiro que assume determinada responsabilidade temporária.<sup>43</sup>

Por todas estas razões, é muito importante que as experiências na base sejam levadas ao conhecimento das Supra-Regiões e Regiões, para que estas possam fazer uma avaliação à luz do carisma fundador.

43. As sugestões apresentadas no subcapítulo 4.4 «Participação parcial do padre na vida da equipa» podem ser algumas das formas de garantir a referência a um padre para as equipas que caminham com um Acompanhante Espiritual.

## Missão e perfil do Acompanhante Espiritual

A noção de «Acompanhante Espiritual» não padre é relativamente nova nas Equipas<sup>44</sup>, e não há qualquer referência a ela nos documentos fundadores nem nos Estatutos Canónicos<sup>45</sup>.

A escassa literatura das ENS disponível sobre este tema indica que **a missão do «acompanhamento espiritual» consiste em possibilitar a implementação de novas equipas e apoiar o funcionamento equilibrado das equipas já existentes**, no caso de não ser possível propor-lhes um padre.

Assim, o acompanhamento espiritual não surge nem como uma opção nem como uma obrigação de cada equipa individual, antes é a resposta da organização à necessidade concreta das equipas que precisam dele para progredir na fé e no amor. Esta orientação pode manter-se com uma precisão: **no caso de falta de padre, é desejável para toda a equipa contar com o acompanhamento espiritual de uma pessoa bem formada**. A ausência de acompanhamento espiritual deveria ser uma situação excepcional, caso contrário seria um risco vital para a grande maioria das equipas.

Tanto o padre Conselheiro como o Acompanhante não padre asseguram o acompanhamento espiritual da equipa que lhes é confiada, mas o segundo não garante a totalidade da missão do padre.

Por outro lado, **a função do «Acompanhante Espiritual» distingue-se claramente das funções de «pilotagem e de «ligação», e limita-se ao acompanhamento de equipas de base**, não de equipas de responsabilidade nem de serviço<sup>46</sup>.

44. É estabelecida no documento da ERI *O Padre Conselheiro*, 1993.

45. Os *Estatutos Canónicos* em vigor (aprovados por Decreto do Conselho Pontifício para os Leigos de 29 de Abril de 2014) contém unicamente disposições relativas ao padre conselheiro, no artigo 5 sobre a «Vida de Equipa» e no artigo 7 sobre «Os padres conselheiros espirituais».

46. Apenas no caso de dificuldade insuperável de contar com um padre, poderia considerar-se a possibilidade de o acompanhamento espiritual de uma equipa de responsabilidade ou de serviço ser feito por uma pessoa não padre.



O Acompanhante Espiritual é chamado pelo Movimento não em função «do que é», como o Conselheiro, mas **em função das suas capacidades e da sua adequação às necessidades concretas de uma equipa concreta.**

Por esta razão, e também para evitar qualquer confusão com a missão do ministério sacerdotal ou com a vocação dos casais membros da equipa, o Acompanhante Espiritual deve preencher os **requisitos** seguintes:

- Será sempre uma pessoa **individual**, nunca um casal
- Deverá ter **formação** teológica e alguma **experiência pastoral**
- Deverá ter uma boa **inserção** na Igreja hierárquica
- Consoante o **estado** de vida, poderia ser<sup>47</sup>:
  - um seminarista com formação avançada
  - um diácono
  - um religioso, homem ou mulher
  - um leigo, homem ou mulher
- Pede-se-lhe também uma **profunda adesão** aos fundamentos do Movimento:
  - vida de oração e discernimento espiritual;
  - olhar positivo sobre o matrimónio;
  - conhecimento do carisma e da pedagogia das ENS;
- Assumir o seu **vínculo ao ministério sacerdotal** – a um padre – segundo a forma determinada com o Conselheiro espiritual do Sector ou da Região.

47. A SR Brasil, que tem mais experiência no recurso a Acompanhantes Espirituais, insistiu veementemente nesta ordem de preferência, pelo que a ERI a considera uma orientação válida.

#### 4.4. Participação parcial do padre na vida da equipa

Nas consultas feitas para a preparação deste documento, algumas supra-regiões testemunharam não só a dificuldade em encontrar padres Conselheiros para as novas equipas mas também Acompanhantes espirituais não padres. Face à crescente dificuldade em oferecer as soluções ideais, será necessário **mudar o nosso estado de espírito e encontrar formas menos exclusivas de participação do padre na vida da equipa**, na linha que o Padre Caffarel indicou<sup>48</sup>.

Uma equipa que tem a sorte de caminhar com um padre deveria prestar atenção às necessidades do Sector e estar disposta a eventualmente mudar a sua forma de viver para responder às mesmas.

Os responsáveis de Sector e o padre Conselheiro do Sector deveriam suscitar uma reflexão por parte dos equipistas e animá-los a abordar este assunto na equipa de forma muito franca.



48. Cf. texto do Padre Caffarel recordado no título do subcapítulo 4.1, «Penúria»

### Podemos considerar diferentes soluções:

- Presença do padre Conselheiro da equipa em cada duas ou três reuniões.
- Presença do padre Conselheiro no início e no fim do ano, mantendo o contacto com ele nesse intervalo, e chamá-lo em caso de uma dificuldade séria.
- Uma equipa com maior formação poderia, de acordo com o padre, renunciar voluntariamente à sua presença contínua, para o disponibilizar para uma equipa em princípio de vida.

Isto permitiria:

- ou tornar menos exigente para um padre a sua presença na equipa, favorecendo assim a decisão dos padres que têm dúvidas quanto a integrar-se,
- ou assegurar a presença de um padre em várias equipas.

Em ambos os casos, esta deveria ser também uma oportunidade para valorizar o significado para a equipa da presença do padre.



# 5

## Conselheiros e Acompanhantes espirituais: questões de organização

### 5.1. Convite e permanência na equipa

#### Do padre Conselheiro Espiritual

«**O padre conselheiro espiritual de equipa é escolhido pelos membros da equipa** entre os padres que legitimamente exercem o ministério sacerdotal e de acordo com o Cânone 324 § 2»<sup>49</sup>. Esta é a tradição, retomada no artigo 7 dos nossos Estatutos Canónicos, desde aquela primeira reunião de 25 de Fevereiro de 1939, preparada por Pierre e Rozenn de Montjamont e para a qual o Padre Caffarel foi convidado<sup>50</sup>.

As Equipas de Nossa Senhora são um movimento de casais com padres. Os padres fazem parte do Movimento através das equipas com que partilham a vida; nessa medida, fazem parte do Movimento de forma livre, estável e sem limite de tempo.

Em resumo, o padre é Conselheiro da equipa, não do Movimento.

49. Código de Direito Canónico, Cân. 324 § 2: «A associação privada de fiéis, se desejar ter algum assistente espiritual, pode escolhê-lo de entre os sacerdotes que exerçam legitimamente o ministério na diocese; o qual, no entanto, necessita da confirmação do Ordinário do lugar».

50. Neste ponto, há que alertar para o seguinte: em algumas igrejas católicas orientais, em cujo seio existem Equipas de Nossa Senhora, homens casados são admitidos ao sacerdócio. Nestes casos, para evitar qualquer confusão, o padre casado só participará individualmente na vida da equipa a título de Conselheiro. Como cônjuges, ele e a sua mulher poderão pertencer a outra equipa, na mesma qualidade do resto dos casais. Esta mesma orientação aplica-se aos Acompanhantes espirituais casados.



## Do Acompanhante Espiritual

**O convite a um Acompanhante espiritual será feito por acordo entre a equipa e o Movimento** (este representado em cada momento pelo casal responsável e pelo conselheiro do Sector ou da Região). Para evitar qualquer sentimento de imposição, através da função de ligação, em estreito contacto com a equipa em causa, os responsáveis do Sector identificarão e avaliarão a sua necessidade, bem como as possibilidades do Sector para escolher a pessoa mais adequada para o Acompanhamento. Se a equipa propõe um Acompanhante espiritual, o Sector (o nível de responsabilidade considerado mais apto) assegurar-se-á de que a escolha é pertinente.

O acompanhante espiritual recebe o encargo do Movimento ou é confirmado para servir uma determinada equipa. **Não é oportuno limitar estritamente a duração deste acompanhamento:** a equipa e o Acompanhante, em estreita ligação com o Movimento, decidem em consciência se o acompanhamento espiritual deve continuar nesses moldes ou noutros.

Quando for necessário, **os Sectores e as Regiões deverão estruturar este serviço**, a fim de suscitar candidatos com perfil adequado, chamá-los quando for necessário, mantê-los ligados ao Movimento e garantir-lhes formação.

Mas **o mais importante é garantir a presença sacerdotal nas equipas assistidas por um Acompanhante espiritual**. Para isso, podem estabelecer-se algumas boas práticas:

- «Ritualizar» o envio do Acompanhante a uma equipa. Dado que se trata de um serviço relacionado de alguma maneira com o ministério sacerdotal, conviria dar um significado a esta relação através de uma fórmula de compromisso e de um sinal de envio (ou de renovação do mesmo).

A *Christifideles Laici* (nº 23) sugere a ideia de que o «ministério» do Acompanhante poderia ser conferido por um Conselheiro: «onde as necessidades da Igreja o aconselharem, por falta de ministros, os leigos [...] podem suprir alguns ofícios»; «A tarefa que se exerce recebe a sua

legitimidade, [...] da delegação oficial que lhe dão os pastores».

- O padre Conselheiro do Sector têm uma responsabilidade particular em assegurar a referência sacerdotal para todas as equipas. Deverá interessar-se pela situação das equipas a este respeito nas reuniões da Equipa de Sector e na ligação desta com os responsáveis das equipas de base.
- Uma vez que a sua missão é temporária, o padre Conselheiro de Sector não pode garantir por si só essa indispensável referência sacerdotal estável em relação às equipas que caminham com um Acompanhante espiritual. Por isso, como já se disse antes, é necessário que essa presença seja encarnada de forma duradoura por um padre específico, identificado pessoalmente.
- É necessário que os responsáveis estimulem o trabalho em equipa, colegial, de Conselheiros e Acompanhantes, para que possam conjuntamente levar a cabo esta missão do acompanhamento espiritual.

As supra-regiões poderão fazer e partilhar uma avaliação destas práticas e de outras experiências de modo a enriquecer a reflexão do Movimento.

## 5.2. Vida de equipa de base

Quando na Carta se diz que «cada equipa deve procurar o apoio de um padre», trata-se de **alguém que partilhe a vida dessa equipa** e não simplesmente de um padre «algures» com quem se podem estabelecer relações.

O Conselheiro não é um «capelão». A sua função não se limita em caso algum a celebrar a Eucaristia em cada reunião. Esta deve ser excepcional na reunião de equipa e ser reservada para ocasiões especiais e, eventualmente, para a reunião de balanço. Também não é o director nem o responsável da equipa, mas colabora activamente com este para construir gradualmente, sem deixar ninguém para trás, uma verdadeira comunidade de pessoas que pensam, sentem e agem como cristãos, progredindo em maturidade e empenhamento.

«O Conselheiro é presença de Cristo na “pequena Igreja” que é a equipa; por isso, o seu papel não consiste nem em ser autoridade nem em dirigir o grupo. Procure, pois, não impor o seu próprio estilo nem as suas ideias pessoais, por mais geniais que sejam, nem sequer usar a sua preponderância para manipular a equipa para sua vantagem ou segundo a sua necessidade. A sua tarefa consiste em animar e promover o amor nos casais e, a partir da fé e do Evangelho, orientar as suas vidas».

Padre Joaquín SANGRÁN<sup>51</sup>, SJ, 2010

Estas «exigências» da vida de equipa para os Conselheiros são **extensivas aos Acompanhantes espirituais**: tanto uns como os outros participam activamente e sempre que possível na vida da pequena comunidade que é a equipa que, ao longo do tempo, vai construindo pontos de encontro, de contacto e muitas e variadas formas de partilhar.

A reunião mensal é o momento alto da vida de equipa. O Conselheiro ou o Acompanhante espiritual prepara-a previamente com o casal responsável ou o animador, atentos às necessidades, às inquietações ou às interrogações da equipa.

Durante a reunião, o Conselheiro ou o Acompanhante contribui para que ela seja, em todas as suas partes, uma verdadeira assembleia cristã. Estará particularmente atento a manter a unidade na diversidade.

Como qualquer membro da equipa, o Conselheiro ou o Acompanhante participa livre mas generosamente em todas as partes da reunião. A oração, a que ele preside, mesmo que seja animada por um casal, é a parte privilegiada da reunião para cumprir a sua tarefa de construir comunidade; mas em todos os momentos anima, ilumina e propõe, com optimismo e esperança.

51. Conselheiro espiritual da SR Espanha de 1981 a 1997. († 2015).

### 5.3. Equipas de responsabilidade e de serviço

No nosso Movimento, todas as responsabilidades e todos os serviços se exercem em equipa, em espírito de colegialidade e comunhão, em clima de oração e discernimento. Por isso, estas equipas devem contar com um acompanhamento espiritual.

Enquanto as equipas de base podem contar com um Acompanhante, **o acompanhamento nas equipas de responsabilidade e de serviço está reservado aos padres Conselheiros**<sup>52</sup>.

Nestes casos, o padre Conselheiro é escolhido pelo casal responsável da equipa; compete ao padre proceder às diligências que forem necessárias perante os seus superiores hierárquicos para aceitar o cargo. A duração do serviço é igual à do casal responsável.



52. Ver nota 46.

«Que se espera do Conselheiro de uma equipa de serviço? Pede-se-lhe, e é uma grande responsabilidade pelo que o Movimento representa na Igreja e no mundo, que conheça muito bem o seu carisma e a sua pedagogia, para colaborar no apoio e no crescimento das equipas. Por isso, o Conselheiro deve manter-se actualizado não só nas questões da doutrina cristã mas também nas orientações concretas do Movimento e dos métodos que se desenvolvem tanto a nível mundial como na Supra-Região ou Região. Isto é muito importante. Também o é esforçar-se por acompanhar os casais responsáveis nas actividades organizadas pelo Movimento e, muito especialmente, nas que se dirigem aos próprios conselheiros para a sua formação e crescimento nas realidades próprias do carisma.

Dado que as equipas de serviço existem para o bem das outras equipas, é importante o conhecimento pessoal e a relação com os outros padres Conselheiros para acompanhar, ajudar, responder, animar. Quando um novo padre for convidado para ser Conselheiro de uma equipa, deve estar disposto a partilhar não só a sua experiência mas também as directrizes do Movimento e os documentos fundamentais. De alguma maneira, ele é visto pelos outros Conselheiros como uma referência.

Mas tem de ter sempre presente que no Movimento não existe uma hierarquia nos ministros ordenados. Nenhum padre Conselheiro é superior. Apenas é servo na sua responsabilidade. Não deve ver-se nem sentir-se como se tivesse poder de comando ou autoridade sobre outros padres que são também conselheiros espirituais.

Na sua tarefa de animador, deve ter um cuidado especial com a procura de caminhos para o acompanhamento espiritual das equipas a que falta o padre Conselheiro e, na medida do possível, deve convidar continuamente os outros irmãos padres para serem Conselheiros nas Equipas».

Padre Ricardo LONDOÑO<sup>53</sup>, 2012

53. Conselheiro de várias equipas em Bogotá (SR Hispano-América). Conselheiro Espiritual das Equipas Satélites da ERI de 2006 a 2012.

## 5.4. Formação

«As ENS são uma escola de formação para os casais. «Não se trata tão apenas de aprofundar o conhecimento da nossa fé, mas de praticar o discernimento humano e cristão, que move tanto a razão quanto o coração, na busca de uma mais estreita coerência entre a fé e a vida.»

O Segundo Fôlego, 1988

A partir desta perspectiva do Segundo Fôlego, tantas vezes testemunhada no Movimento, as Equipas são uma escola de formação para os casais... e também para os Conselheiros e Acompanhantes espirituais.

O Movimento criou a nível internacional um Plano de Formação<sup>54</sup>, em que propõe um núcleo de elementos indispensáveis que compõem o património comum de todas as Equipas:

- **Fé e Vida:** aprofundar a vida de fé e dos temas que dizem respeito à vida conjugal, à família, à Igreja e à sociedade.
- **Vocação e Missão:** viver em casal com Jesus Cristo, que é o Caminho para a santidade, e responder aos apelos do Senhor, dando testemunho do sacramento do matrimónio.
- **Pedagogia das ENS:** Conhecer e aplicar o carisma e a pedagogia do Movimento.
- **Serviço:** animar e apoiar todos os que desempenham missões necessárias à vida do Movimento.

54. ERI, *Formação nas ENS, um caminho* (Outubro 2011).

A metodologia deste Plano baseia-se na escuta da Palavra, no testemunho real, na troca de experiências, na flexibilidade e na gradualidade. O Plano articula-se em diferentes **tipo de formação**, enquadrados em:

- Formação Inicial
- Formação Permanente
- Formação Específica

Evidentemente, a presença dos Conselheiros nestas formações é essencial, na medida em que eles fazem parte das equipas de responsabilidade e de serviço encarregadas de as realizar. Sem a sua presença, a dimensão espiritual da formação proporcionada nunca será igual.

Mas, além disso, **todos os Conselheiros e Acompanhantes espirituais devem ser convidados e estimulados a participar, com as suas equipas, nas acções de formação** que forem programadas. O Plano de Formação é aberto a todos e é útil a todos.

Há formações especialmente previstas para Conselheiros e Acompanhantes espirituais, que descrevemos a seguir:

### Formação Inicial

- **Reunião de informação a um Conselheiro ou Acompanhante**<sup>55</sup>. Antes da sua entrada no Movimento, **é necessário dar-lhes uma boa informação** inicial sobre o carisma, a pedagogia e a organização das ENS, bem como sobre a sua missão específica, sobretudo no que diz respeito à preparação e ao acompanhamento das reuniões.

No caso de um Acompanhante espiritual, é muito importante referir claramente a natureza e o alcance do seu serviço.

Nesta reunião, entregar-se-lhes-á o documento oficial da ERI em vigor, *O Padre Conselheiro e o Acompanhamento Espiritual*.

55. ERI, Ficha de Formação Específica «Informação aos Conselheiros Espirituais». No Plano de Formação, esta ficha está enquadrada na «Formação Específica», não dentro da Formação Inicial, como aqui se apresenta.

- **Pilotagem:** Esta formação é fundamental e indispensável para todos os equipistas, e também para os Conselheiros e os Acompanhantes espirituais. Por isso, se um novo Conselheiro ou Acompanhante é integrado numa equipa já pilotada, os responsáveis do Sector garantirão que ele faça um percurso adaptado pelo itinerário da pilotagem<sup>56</sup>.
- **Encontro de Equipas Novas:** É aqui que culmina a imersão na pedagogia das ENS, ao mesmo tempo que se dá uma visão completa do Movimento. **É muito recomendada a participação do Conselheiro ou Acompanhante com a sua equipa.**

### Formação Permanente

O Plano de Formação oferece a todos os equipistas, nas várias etapas da vida em equipa, **diferentes encontros que os ajudam a progredir continuamente** no seu caminho de santidade: consolidando a espiritualidade conjugal, estimulando para o serviço e para a missão, insuflando um novo fôlego cada vez que for necessário<sup>57</sup>.

É recomendável que Conselheiros e Acompanhantes espirituais animem as suas equipas a participar nestes encontros de fim-de-semana quando forem convidados e, na medida do possível, os acompanhem.

### Formação Específica

Estas formações têm como objectivo a **preparação de casais chamados a desempenhar uma missão ou a assumir uma responsabilidade** no Movimento<sup>58</sup>. É muito recomendável que as sessões de formação de Responsáveis de Sector contemplem um módulo relativo à missão dos Conselheiros e Acompanhantes espirituais, de acordo com os conceitos e as orientações do presente documento.

56. Com base nas Fichas de Pilotagem propostas pela ERI no Plano de Formação, cada SR/RR elabora um percurso de pilotagem próprio.

57. São os encontros «Equipas em Caminhada», «Equipas em Comunhão» e «Novo Fôlego».

58. Estas são, fundamentalmente, as sessões de formação para «Casais Informadores», «Pilotos» e «Casais de Ligação» e ainda para «Responsáveis de Equipa», «Responsáveis de Sector» e «Responsáveis Regionais».



O Plano contém também uma proposta de formação específica dirigida a Conselheiros e Acompanhantes espirituais:

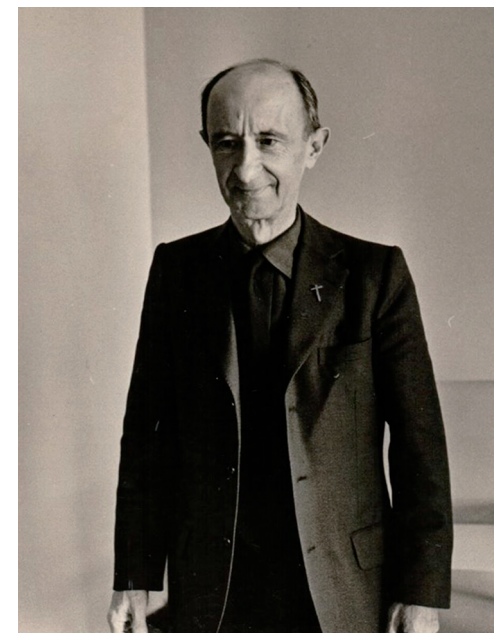
- **Encontros de Conselheiros e Acompanhantes espirituais.** Trata-se de jornadas de reflexão e de trocas de experiências em equipa, entre eles e com os responsáveis do Movimento. São também encontros apropriados para conhecer os objectivos e as orientações do Movimento e reflectir sobre os mesmos no contexto geral da vida da Igreja.

Estes encontros podem ser programados a diferentes níveis de organização, desde o Sector até à SR/RR. Consoante os objectivos mais específicos que se pretendam atingir em cada encontro, é possível convidar Conselheiros e Acompanhantes a participarem juntos.



- Embora não estejam descritas no Plano actual, podem ser convenientes ou mesmo necessárias **outras acções formativas** dirigidas a Conselheiros e Acompanhantes espirituais das Equipas. O Papa Francisco, nas suas exortações *Evangelii Gaudium* e *Amoris Laetitia*, insistiu no desafio de «uma formação mais adequada dos presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, catequistas e restantes agentes pastorais» para acompanhar o melhor possível os processos de crescimento de casais e de famílias no complexo mundo actual<sup>59</sup>.

Para esse efeito, os responsáveis pela formação nas Equipas procurarão o **auxílio de especialistas** (que muitas vezes podem ser encontrados no próprio Movimento), tais como teólogos, animadores de grupos de oração, psicólogos, terapeutas, sexólogos, comunicadores, etc.



59. Cf. Papa Francisco, Exort. ap. EVANGELII GAUDIUM (2013), 102, e Exort. ap. pós-sinodal AMORIS LAETITIA (2016), 202 e 204.

## Conclusão

**Na sua caminhada de crescimento no amor e na união a Cristo, cada equipa necessita do acompanhamento espiritual de uma pessoa formada para isso;** isto remete para as noções de alteridade, de distanciamento, de modelo, de discernimento. **Cada equipa tem ainda necessidade de estar vinculada a um padre,** não necessariamente pela sua presença em todas as reuniões. O padre manifesta Cristo e garante a união à Igreja. «Cada equipa deve procurar o apoio de um padre», diz literalmente a Carta.

Numa grande maioria de casos, e isto é um imenso tesouro do nosso Movimento, este acompanhamento espiritual é assegurado por um padre, e o seu ministério sacerdotal concretiza-se neste acompanhamento e, de alguma maneira, ultrapassa-o. As Equipas de Nossa Senhora devem estimular continuamente esta forma de comunidade, que é muito rica para o Movimento, para os equipistas e para os padres.

**Num mundo em que o número de padres se reduz globalmente de forma contínua, o acompanhamento espiritual de um certo número de equipas deverá ser assegurado por pessoas bem escolhidas.** Esta prática já existe, vai desenvolver-se e deve ser acolhida e acompanhada. E é também uma oportunidade para as Equipas de Nossa Senhora, porque trará novas riquezas aos equipistas e a toda a Igreja.

**No caso de o acompanhamento ser feito por uma pessoa que não seja padre, exige-se uma atenção muito particular para que a equipa se mantenha em contacto com o ministério sacerdotal.** A forma que esta vinculação poderá tomar ainda está no estado do «procuremos juntos».

**Todos os membros do Movimento deveriam aprofundar o conhecimento da grandeza e do mistério do sacramento sacerdotal,** bem como amar a figura insubstituível do padre, como desejava o Padre Caffarel. Paralelamente, **a figura do Acompanhante espiritual não padre não deve ser menosprezada,** como se fosse um mal menor, uma solução de menos qualidade, menos digna. O Acompanhante, como o padre Conselheiro Espiritual, é um membro da equipa, embora não o sejam da mesma maneira que os casais. A experiência do Movimento tem provado que os membros de uma equipa de base, casais e Conselheiro, são membros sem outro limite que não seja o da sua livre vontade, enquanto o desejarem. Esta prática não deve mudar, e pode aplicar-se também à missão dos Acompanhantes espirituais, porque, se se desvalorizar a sua missão, será ainda mais difícil encontrá-los, correndo-se o risco de muitas equipas não beneficiarem deste serviço.

As estruturas de responsabilidade das Equipas de Nossa Senhora, inclusive as que se destinam a dinamizar as acções de formação, devem **apoiar intensamente os Conselheiros e os Acompanhantes** na sua importante missão.

A aliança entre casais e padres é uma das características essenciais do Movimento, pelo que as novas experiências no Acompanhamento espiritual das equipas devem manter-se sujeitas a uma **avaliação sistemática por parte dos responsáveis.**

**Equipa Responsável Internacional**  
Munique, Março de 2017



## Bibliografia

### • Magistério da Igreja

- Concílio Vaticano II: *Constituição dogmática sobre a Igreja LUMEN GENTIUM*, 1964
- Concílio Vaticano II: *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo actual GAUDIUM ET SPES*, 1965
- San João Paulo II: *Exortação apostólica pós-sinodal CHRISTIFIDELES LAICI sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*, 1988
- San João Paulo II: *Exortação apostólica pós-sinodal PASTORES DABO VOBIS sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias actuais*, 1992
- Papa Francisco: *Exortação apostólica EVANGELII GAUDIUM sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual*, 2013
- Papa Francisco: *Exortação apostólica pós-sinodal AMORIS LAETITIA sobre o amor na família*, 2016

### • Henri CAFFAREL, textos de referência sobre os padres:

- "Le foyer et le prêtre". *L'Anneau d'Or*, N° 14, Março-Abril 1947
- "Le dernier prêtre". *Lettre Mensuelle des END*, II° année, Janeiro 1949
- "Corps francs". *Lettre Mensuelle des END*, IIIe année, Novembro 1949
- "Nos deux sacrements". *L'Anneau d'Or*, N° 60, Novembro-Dezembro 1954.
- "Vos prêtres, ministres de la parole". *Lettre Mensuelle des END*, VIII° année, Novembro 1954
- "Introduction à la connaissance du prêtre". *L'Anneau d'Or*, N° 63-64 special "L'homme de Dieu", Maio-Agosto 1955
- "Vocación e itinerario de los Equipos de Nuestra Señora" (ver 'Los Orígenes' y 'La expansión'). *L'Anneau d'Or*, N° 87-88 spécial "Mille foyers à Rome", Maio-Agosto 1959
- "Pénurie". *Lettre Mensuelle des END*, XIV° année, Maio 1961
- "Le visage riant et doux de l'Église". *Lettre Mensuelle des END*, XV° année, Janeiro 1962
- "Question brûlante". *L'Anneau d'Or*, N° 122, Março-Abril 1965

### • L'Anneau d'Or: "L'homme de Dieu". N° 63-64 spécial Maio-Agosto 1955

### • Equipa Responsável Internacional (ERI)

- ERI: "O Padre Conselheiro" (1993)
- ERI: "O Padre Conselheiro Espiritual" (2006)
- ERI: "Formação nas ENS, um caminho" (2011)
- Maru e Paco NEMESIO: "Los consiliarios y nosotros". II Encontro Internacional de Responsáveis Regionais. Roma, 2009
- Amaya e José Antonio MARCÉN: "La falta de sacerdotes consiliarios espirituales ¿qué hacer?". Colégio Internacional ENS. Roma, 2015

### • Documentos elaborados nas SR/RR

- SR Espanha: Mercedes e Álvaro GOMEZ-FERRER e Pe. MANUEL ICETA: *El Consiliario –Avance 2* (1980)
- SR Canadá: Lise et Gérald TREMBLAY: "Prêtres et conseillers spirituels" (2001)
- SR Oceânia: "Role of spiritual counsellor" (2005); "The priest spiritual counsellor" (2009)
- SR Bélgica: "Les conseillers spirituels" (2009)
- SR Portugal: "Manual do sacerdote conselheiro espiritual" (2012)
- SR Brasil: "O sacerdote conselheiro espiritual" (2010)

### • Carta da SR Espanha: "Año sacerdotal, año del Consiliario". N° especial 253 Março-Abril 2010.

### • Lettre des Équipes Notre-Dame de la SR France-Luxembourg-Suisse: "Le mariage et l'ordre: la grâce de l'engagement". N° 217, Maio-Agosto 2016.



Equipes Notre-Dame

## Secrétariat International

---

49, rue de la Glacière

7ème étage · 75013

Paris · France

Tel. (33) (1) 43 31 96 21

Fax. (33) (1) 45 35 37 12

[end-international@wanadoo.fr](mailto:end-international@wanadoo.fr)

[www.equipes-notre-dame.com](http://www.equipes-notre-dame.com)